

# *A saída da Madeleine McCann: a hipótese negligenciada*

André van Dokkum

5 de março de 2018

## Introdução

Investigações sobre o desaparecimento da Madeleine Beth McCann em Praia da Luz na noite de 03 de maio de 2007 sofreram dificuldades pela circunstância que as testemunhas mais importantes, os pais McCann e seus sete amigos, nem sempre foram claras e consistentes nas suas declarações, levantando suspeitos sobre a qualidade destas declarações e o motivo para divulgarem desinformação.<sup>1</sup> Quanto às suas crianças, o grupo tinha nas noites das suas férias uma dinâmica de abando-com-*checks*. Nas investigações essa dinâmica era um tipo de um pano de fundo, quer como uma oportunidade para um rapto, quer como um encobrimento de uma ocultação do cadáver da Madeleine já morta. Aqui propomos, defendemos e substanciamos a hipótese que a dinâmica de abandono-com-*checks* foi *a causa principal* do desaparecimento da Madeleine. Para isso, elaboramos o cenário que Madeleine (a) não foi informada sobre a dinâmica de abandono-com-*checks*; (b) foi perturbada pela entrada do Matthew O. no apartamento e provavelmente mesmo no próprio quarto da Madeleine; (c) não entendendo essa entrada, foi buscar os seus pais dentro e fora do apartamento sem saber onde os pais ficavam, então desaparecendo numa direção desconhecida; e ademais que o grupo dos pais McCann e dos seus amigos (d) entendeu essa sequência dos eventos já na noite de 03/04 de maio de 2007; e (e) usou o alegado avistamento da Jane T. como uma tentativa de esconder o impacto do *check* do Matthew; com o objetivo de (f) evitar que a dinâmica de abandono-com-*checks* fosse vista pelos investigadores como fator causal do desaparecimento. Isso pode-se substanciar com informação já existente. É evidente que o grupo divulgou desinformação significativa, mas apesar disso, considera-se que também proferiu muitas verdades que, sustentamos, apontam para o cenário indicado.

---

<sup>1</sup>Despacho de arquivo, Procuradoria da República, Círculo Judicial de Portimão, *Conclusão em 21/07/08*, pp. 45-47.

## Conhecimento da Madeleine da dinâmica do abandono-com-checks

Estudemos primeiramente a questão se a Madeleine foi informada ou não sobre a dinâmica do abandono-com-checks. A Kate dá-nos duas indicações sobre este assunto: A primeira diz respeito à conhecida curta e incompleta conversa que Madeleine, Gerry (Gerald) e Kate teriam feito na manhã do dia 3 de maio de 2007, o dia do desaparecimento. Madeleine teria perguntado por que Gerry e Kate “não vieram quando Sean e eu estávamos a chorar esta noite [02/03 de maio]”.<sup>2</sup> A questão indica simultaneamente pelo menos duas coisas: Madeleine não sabia dos checks e não sabia onde os pais estavam. No seu livro a Kate não tem outra possibilidade de que concluir que o chorar devesse ter ocorrido durante a sua ausência por causa de jantar a Tapas Bar, mas isso não era uma razão para terminar com a dinâmica de abandono-com-checks. A segunda indicação é o comentário da Kate que

“Obviously, we didn’t want any of our children waking and wondering where we were even for a few minutes”.<sup>3</sup>

Se Madeleine fosse informada sobre a dinâmica dos checks, seria estranho que Kate negasse isso. Então podemos concluir que aqui Kate está a falar a verdade: Madeleine não sabia nada sobre a dinâmica dos checks, porque os pais dela não a tinham informado sobre isso. (Assumo que a questão é histórica, mas mesmo quando não ser, a conclusão permanece. Podemos notar que o relato implica que a Madeleine na noite indicada não se teria levantado da sua cama.) Na sua *rogatory interview*, o Matthew profere informação semelhante:

“the worst thing that can happen is they wake up and not really know where you are for five, ten minutes”.<sup>4</sup>

Veja-se também Jane:

“we were probably more worried about them waking up and thinking where are we”.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> Veja-se também Jane, auto de inquirição de testemunha PJ 10/05/2007, linhas 180-186, “porque [...] não foram ao quarto”; Jane, *rogatory interview* 08/04/2008, parte IV, ““Where were you [...] when Sean and I woke up””.

<sup>3</sup> McCANN (2012[2011]: cap. 5, p. 91).

<sup>4</sup> Depois 00.11.11 da parte 15:18-15:38 no 09/04/2008.

<sup>5</sup> *Rogatory interview* 08/04/2008, parte II.

A conclusão de Madeleine não saber nada sobre a dinâmica dos *checks* tem pelo menos duas consequências importantes: (1) Madeleine não terá podido interpretar as ações dos seus próprios pais durante os tempos em que eles estiverem a jantar fora do apartamento; e (2) não terá sabido o que devesse fazer em situações não usuais durante estes tempos, porque não tinha instruções dos pais para contactá-los, ou para fazer outras ações específicas. Veremos abaixo por que isso é crucial.

### Evolução das descrições da entrada do Matthew no apartamento na noite de 03 de Maio

Para entendermos melhor, no cenário presentemente estudado, o significado da entrada do Matthew no apartamento dos McCann para a desaparecimento, assim como para a função de desinformação do narrativo definitivo dessa entrada, é apropriado traçar as mudanças que os relatórios sobre este evento sofreram. De destacar que o “narrativo definitivo” engloba quatro componentes essenciais, a saber que o Matthew (*a*) não entrasse no quarto da Madeleine, (*b*) somente visse os gêmeos e não a própria Madeleine, (*c*) visse a porta do quarto num ângulo que se considera estranho, e que (*d*) fosse difícil para ele determinar a exata situação da persiana.

O primeiro relatório terá sido contado imediatamente pelo Matthew ao seu regresso do apartamento pelas 21:30h. No 04 de maio a Kate apresentou esse relatório como “tudo bem”.<sup>6</sup> Depois do descobrimento da desaparecimento será discutido o que era que o Matthew exatamente tinha visto.<sup>7</sup> Temos um vestígio de um tal discussão no depoimento do Gerry na manhã do 04 de Maio, dizendo que o Matthew

“Entrou no quarto, observou os gêmeos e nem sequer reparou se a MADELEINE se encontrava já que estava tudo calmo, as persianas fechadas e a porta do quarto entreaberta como habitual.”<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Kate, auto de inquirição de testemunha PJ 04/05/2007, linha 89.

<sup>7</sup> Compare-se Jane, *rogatory interview* 08/04/2008, Parte V: “4078 [...] Now do you remember if Matthew made a comment when he came back to the Tapas Bar about being only able to see the twins”? Reply “No, this was afterwards, this was after we discussed it that night, so yeah, no it wasn’t then, he hadn’t made it then, it was after she’d gone missing’.”

<sup>8</sup> Gerry, auto de inquirição de testemunha PJ 04/05/2007, linhas 83-86. Parece que mesmo o próprio Matthew se descaiu na sua *rogatory interview*: “when you walk into the room, you could see straight into it, because the door was open”, em lugar de dizer: “when you approach the room ...” – 09 April 2008, parte desde 11:54h, depois de 00.23.05. As vezes a palavra “*room*” foi usada para o apartamento em geral nas entrevistas, mas isso não é o caso aqui, o Matthew já tendo entrado neste pela porta de correr lateral.

Essas formulações são muito pertinentes e podemos excluir a possibilidade de erros significantes de tradução.<sup>9</sup> Concluímos que no seu depoimento de 04 de Maio o Gerry estava a contar informação do Matthew pouco tempo depois do descobrimento da desaparecimento, em contradição dos pontos (a), (c) e (d) do “narrativo definitivo”. O Gerry somente repete do narrativo definitivo que não estava claro que a Madeleine ficasse na sua cama sim ou não.

Mesmo a Kate no seu depoimento de tarde de 04 de maio diz que o Matthew ficou “observando as camas” sem distinção entre a cama da Madeleine e os berços dos gêmeos, ainda que a Kate no mesmo depoimento afasta-se do Gerry em afirmando que o Matthew “não chegou a deslocar-se ao quarto das crianças, somente ficou pela porta do quarto, atendendo nos ruídos”.<sup>10</sup> O próprio Matthew diz no seu depoimento da manhã de 04 de maio que “de onde estava não via a cama ocupada pela MADELEINE” e, em contraste com a certeza mostrada pelo Gerry na mesma manhã, não sabe dizer certamente se a persiana ficasse fechada sim ou não.<sup>11</sup> Esse conjunto de semelhanças e diferenças mostra que houve coordenação sobre a adaptação do relatório inicial que foi imperfeitamente implementada por Gerry e Kate nos seus depoimentos de 04 de Maio. De destacar que a Kate, no seu depoimento como arguido, conta que Matthew ao seu regresso pelas 21:30h tivesse dito “estar tudo em silêncio”,<sup>12</sup> em lugar do “tudo bem” anterior, agora com ênfase na natureza auditiva do *check* contado, consistente com a sugestão que o Matthew não ficou *dentro* do quarto da Madeleine mas em alguma distância em frente da abertura da porta, *fora* do quarto.

De fato, no ano de 2008 o *check* do Matthew terminou sendo uma verdadeira absurdidade, com o Matthew tendo o motivo de ver Madeleine mas sem verificar o lugar onde ela mais provavelmente ficaria, a sua cama no seu quarto:

---

<sup>9</sup> Aqui também, “*room*” não refere ao apartamento em geral porque o Matthew, no depoimento de Gerry, já teria entrado no apartamento pela porta de correr lateral. Gerry disse, na noite de 03/04 de maio, ao sr. Vitor Martins a versão que o Matthew não entrou no quarto (Informação de serviço, 04 de maio de 2007, p. 3). Isso não refuta o depoimento do Gerry mais tarde na manhã de 04 de maio, mas somente indicou que o “narrativo definitivo” foi formulado *relativamente* rapidamente depois o descobrimento da desaparecimento (ainda que não foi a versão mais cedo que foi divulgada aos média). Veremos mais abaixo que o Gerry sentiu a necessidade de mudar informação neste contexto que aparentemente já não foi da sua satisfação.

<sup>10</sup> Kate, auto de inquirição de testemunha PJ 04/05/2007, linhas 87-88.

<sup>11</sup> Matthew, auto de inquirição de testemunha PJ 04/05/2007, linhas 68-69, 71-72.

<sup>12</sup> Kate, auto de inquirição de testemunha PJ 06/09/2007, linhas 277-278.

“he didnt put his head round the door to see if Madeleine was in her bed, but he said he did wonder where she slept, erm poked his head, well you know kind of looked into Gerry and Kates room”.<sup>13</sup>

Observamos que a diferença entre as versões do Gerry e o Matthew sobre o *check* dele nem sempre foi suficientemente apreciada: Dr. Amaral não a discute no seu livro e também o Despacho de arquivo não a analisa.<sup>14</sup> Neste sentido, o “narrativo definitivo” sobre o *check* do Matthew era muito eficaz. Essa mudança nos relatos do evento deve explicar-se, porque a versão contada pelo Gerry tem uma grande probabilidade de ser a verdade histórica. Se a versão do Matthew ser a verdade histórica, não fizesse sentido que o Gerry introduzisse pontos que não indicam nenhuma problema enquanto o Matthew está a contar uma muito confusa situação. Por outro lado podemos entender a mudança de “dentro” para “fora” como solução de outras problemas. Uma destas problemas era que a Jane mencionou um *possível* raptor com a Madeleine *antes* do *check* do Matthew pelas 21:30h, assunto analisado a seguir. Colocar o Matthew fora do quarto possibilitou a suposição que a Madeleine já não estivesse lá sem o Matthew perceber isso. No caso que a pessoa adulta (homem, assumimos) vista pela Jane não fosse um raptor, o “narrativo definitivo” do Matthew também seria consistente com isso (mas há uma curiosidade aqui que discutimos abaixo).

Mas pode argumentar-se no cenário presentemente discutido que uma segunda outra problema para o grupo era como se podia afastar a atenção dos investigadores da situação concernente uma pessoa entrando no quarto de algumas crianças que estas crianças não pudessem reconhecer no semi-escuridão da noite. Para estabelecer a plausibilidade desta segunda possibilidade, precisa-se estudar alguns comentários de elementos do grupo sobre o assunto de pessoas entrarem nos quartos das crianças e as diferentes formas dos *checks*.

#### A possibilidade de a Madeleine ser perturbada pela intrusão do Matthew

A Kate admite no seu livro que um intruso poderia ter perturbado a Madeleine:

---

<sup>13</sup> Rachael, *rogatory interview* 09/04/2008 , parte I/III, depois de 01.13.22; compare-se Matthew *rogatory interview* 09/04/2008, parte desde 10:194h, depois de 00.22.52 quanto a “somebody might have vomited”.

<sup>14</sup> AMARAL (2008: cap. 12); Despacho de arquivo, Procuradoria da República, Círculo Judicial de Portimão, *Conclusão em 21/07/08*.

“it is my belief there was somebody either in or trying to get into the children’s bedroom that night, and that is what disturbed them.”<sup>15</sup>

Aqui a Kate está a falar sobre uma suposta *outra* intrusão na noite de 02 de maio, diferente da suposta intrusão na noite de 03 de maio. Não ocupamos da problemática questão de a Kate introduzir um (outro) intruso sem qualquer indicação sobre de qual maneira uma tal intrusão fosse possível. Observamos que para a Kate será possível que uma pessoa que está a aproximar o quarto da Madeleine, poderia perturbá-la. Concluimos que portanto se deve concluir que o Matthew poderia ter perturbado a Madeleine também, porque que a Madeleine não pudesse distinguir o Matthew *aproximando* o quarto de qualquer outra pessoa fazendo o mesmo, incluindo supostos intrusos nos dias de 02 e 03 de maio. O aproximar pode referir a um movimento dentro do apartamento, porque a Kate no seu livro já não considera a janela absolutamente necessária para um intruso entrar o apartamento de fora para dentro,<sup>16</sup> possibilitando-nos interpretar a expressão “either in or trying to get into” como referindo a um movimento pela porta do quarto.

No seu livro a Kate dá seus leitores este pensamento como interpretação do episódio da questão da Madeleine que foi sobre a ausência dos seus pais, não sobre ruídos. A Kate voluntariamente está a dar-nos a importante informação que era possível que a Madeleine possivelmente fosse perturbada por qualquer pessoa diferente dos seus pais, seja dentro ou seja aproximando o quarto. Escreve ademais que a Madeleine era/é muito sensível a seu ambiente e ao ruídos.<sup>17</sup>

#### A saída da Madeleine do apartamento após o *check* do Matthew

A hipótese aqui defendida é que a Madeleine saiu do apartamento como reação ao *check* do Matthew. Para isso devemos considerar os motivos e possibilidades da Madeleine para ele fazer dois movimentos consecutivos: (a) sair do seu quarto; e (b) depois disso sair do apartamento.

---

<sup>15</sup> McCANN (2012[2011]: cap. 5, p. 84).

<sup>16</sup> McCANN (2012[2011]: cap. 8, p. 165).

<sup>17</sup> McCANN (2012[2011]: cap. 3, p. 57): “extremely perceptive [...] very aware of her surroundings”; e, aunque com alguma exageração, p. 58: “could pick up the rustle of a biscuit [...] at five hundred yards”.

Já temos concluído que é possível, basando-nos sobre informação da própria Kate, que a Madeleine fosse perturbada pelos movimentos do Matthew dentro do apartamento, aproximando ou mesmo ficando dentro o quarto. Porque a Madeleine não foi informada sobre a dinâmica de abandono-com-*checks*, como também já concluímos, não tinha qualquer possibilidade de interpretar os movimentos do Matthew. Ele era uma pessoa que ela não conhecia muito bem, e que não viu de qualquer maneira no momento do *check* (como o “narrativo definitivo” mantém) ou não claramente na semi-escuridão, mas que podia perceber como não ser um dos seus pais. Se estar desperta, poderia ter ouvido o Matthew sair através da porta de correr lateral. Não entendendo o que passou, terá se levantado da sua cama. Um tal levanto é consistente com a observação do sr. Roque:

“a roupa da cama da MADELEINE estivesse demasiado ordenada, ou seja, parece que foi retirada ou saiu com muitos cuidados. Existia uma marca no lençol que lhe pareceu do corpo da menor.”<sup>18</sup>

Veja-se também a fotografia conhecida da cama da Madeleine.<sup>19</sup> (A situação descrita indica que um rapto da Madeleine desde a sua cama por uma pessoa estranha não é muito credível.) É natural assumir que saísse do quarto e estivesse a buscar os pais dentro do apartamento para discutir com eles o evento incomum que acabara de experienciar.

Não achando os seus pais dentro do apartamento, a Madeleine se terá encontrado numa situação da qual *não tinha qualquer possibilidade de interpretar satisfatoriamente*: a combinação da *ausência dos pais* (de que não foi informada, como já concluímos) com a intrusão de uma pessoa que não reconhecia, intrusão que não foi previamente anunciada à Madeleine e aos gêmeos. Não entendendo essa situação, terá saído do apartamento para buscar os pais para resolver o que para ela devesse ter sido uma *grande anomalia*. Devemos agora discutir a possibilidade de a Madeleine sair através da porta principal do apartamento.

A Kate escreve que a Madeleine “had not left that apartment of her own accord”, considerando esta hipótese mesmo “insulting to our intelligence”.<sup>20</sup> No entanto, não dá aos seus leitores uma explicação por que razão isso seria tão estranho, somente negando a possibilidades que a Madeleine teria saído pela janela ou pelo persurso da porta de correr

---

<sup>18</sup> José Maria Batista Roque, auto de inquirição PJ 17/10/2007, linhas 29-32.

<sup>19</sup> João Barreiras, *Reportagem fotográfica do Núcleo de Polícia Técnica*, foto 6.

<sup>20</sup> McCANN (2012[2011]: cap. 7, p. 124).

lateral, sem qualquer discussão da porta principal.<sup>21</sup> Mas a Kate assim como o Gerry (pelo menos no dia de 10 de Maio) confirmaram que a porta principal não estava trancada, permitindo abri-la pelo interior mas não por fora, o Gerry explicando que a saída pela porta de correr lateral terá deixado a porta principal sem mais intervenção com a chave dela.<sup>22</sup> Numa emissão televisiva o Dr. Amaral refere ao localização da chave como dentro do apartamento no cozinha.<sup>23</sup> Isso indica que o *primeiro* depoimento de Gerry à polícia (de 04 de maio<sup>24</sup>) sobre esta chave, e não o *segundo*, foi uma falsidade. O dito depoimento de Gerry também incluiu a implicação que a porta da frente teria ficado fechada, enquanto aos média tinha-se divulgada a mensagem que esta teria ficado aberta;<sup>25</sup> isso encaixasse-se com uma necessidade, realizada mais tarde, de encobrir uma saída de Madeleine através dessa porta.

Para determinar se fosse possível para a Madeleine abrir a porta principal devemos estudar algumas tecnicidades. Ela é descrita como tendo cerca de 90 cm de altura.<sup>26</sup> Isso é quase certamente uma subestimação. Ela tinha quase quatro anos, fazendo uma estimacão de 94 cm mais provável, sendo esta estatura a medida dos 3% mais pequenas raparigas dessa idade.<sup>27</sup> Os 0,4% mais pequenas ainda chegam perto de 92 cm.<sup>28</sup> Ficando nos dedos de pé e com a extensão dos braços para cima obtemos facilmente mais uns 11 ou 12 cm de altura para o raio de trabalho desde o chão,<sup>29</sup> ou seja 103-106 cm no total pelo menos, muito possivelmente facilitando a Madeleine atingir a mecanismo de abrir a porta principal.

---

<sup>21</sup> McCANN (2012[2011]: cap. 7, pp. 124-125).

<sup>22</sup> Kate, auto de inquirição de testemunha PJ 06/09/2007, linhas 214-216; Gerry, auto de inquirição de testemunha PJ 10/05/2007, linhas 261-262.

<sup>23</sup> “Querida Júlia”, *Gonçalo Amaral returns to Praia da Luz*, fevereiro 2012, depois de 19’53”, <https://www.youtube.com/watch?v=GVhdrYcEisI>.

<sup>24</sup> Gerry, auto de inquirição de testemunha PJ 04/05/2007, linhas 74-75.

<sup>25</sup> *BBC News*, 4 de maio de 2007, “Toddler ‘abducted’ during holiday”, [http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/england/leicestershire/6623127.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/leicestershire/6623127.stm), acessado 16/07/2017; *Mirror*, 5 de maio de 2007, “Maddy, 3 Goes Missing”, <http://www.mirror.co.uk/news/uk-news/maddy-3-goes-missing-472340>, acessado 16/07/2017; *The Telegraph*, 4 de maio de 2007, “Three year-old feared abducted in Portugal”, <http://www.telegraph.co.uk/expat/expatfeedback/4203859/Three-year-old-feared-abducted-in-Portugal.html>, acessado 16/07/2017. Da última fonte sabemos que se trata da porta principal e não da porta de correr lateral, porque descreve-se como “hanging open”.

<sup>26</sup> Kate, auto de inquirição de testemunha PJ 04/05/2007, linhas 112-113; Gerry, auto de inquirição de testemunha PJ 04/05/2007, linhas 107-108.

<sup>27</sup> VUB (2004).

<sup>28</sup> RCPCH (2009).

<sup>29</sup> MOTMANS (2005-2006).



Parace que a estatura da Madeleine foi discutido pelo grupo, uma tal discussão indicada pelo Matthew que menciona, sem ter sido provocado nesse termo na entrevista, a pequena estatura dela:

“initially we went through this, it could have been because of the location of the apartments[...] Erm, but then, you know, it’s, and you thought, oh well, you know, maybe because Madeleine’s sort of quite, you know, (inaudible) and, you know, petite and, you know, maybe it [não especificado explicitamente] wasn’t quite so likely. And then it, you know, sort of that goes away and then you're left with not knowing what happened.”<sup>30</sup>

A Madeleine ser “*petite*” não tem relação com a localização do apartamento. Tampouco ofereceria um problema para a altura do mecanismo de abrir a janela no quarto, quando ficar de pé em cima da cama neste lado.<sup>31</sup> Por outro lado a estutura da Madeleine podia sim ser um problema para discutir em relação com o mecanismo de abrir da porta principal.

Este problema de uma criança afastar-se pela porta *principal* não foi somente uma possibilidade para os McCann porque a Jane comenta *duas vezes* quanto à sua própria filha Ella afastar-se do seu apartamento:

“And the door, they couldn’t get out, we made sure they couldn’t, well from the point of Ella you know we made sure she couldn’t err not escape, because that sounds terrible, but you know she, the door was dead locked so she couldn’t have, she couldn’t have wandered off [...]

4078 [oficial da polícia] “And did you leave your roadside door locked or was it unlocked?” Reply “Yes, yeah well we made, as I said we made sure that was because you could dead lock it as well and that was one of our concerns was Ella waking up and wandering, I mean like I say we didn’t think she would but that was probably our, you know so she couldn’t get out the actual apartment, that was err so we did make sure that was dead locked every night.”<sup>32</sup>

A Ella também tinha três anos de idade na altura.<sup>33</sup> Com um tal depoimento, a hipótese de a Madeleine afaster-se pela porta principal deveria ter sido uma parte principal das análises. Enquanto a Kate bombasticamente considera esta hipótese “um insulto à nossa inteligência”, a Jane a considera muito razoável no caso da Ella, explicitamente descrevendo na entrevista

---

<sup>30</sup> Matthew, *rogatory interview* 09/04/2008, parte desde 11:54h, depois de 00.59.22.

<sup>31</sup> João Barreiras, *Reportagem fotográfica do Núcleo de Polícia Técnica*, fotos 7-10.

<sup>32</sup> Jane, *rogatory interview* 08/04/2008, Parte II.

<sup>33</sup> Jane, *rogatory interview* 08/04/2008, Parte I.

que trancar a porta principal foi um método para evitar que a Ella se afastasse do apartamento.

A Jane e o Russell passaram, nalguma distância, a porta principal nos últimos minutos antes da alarme, mas desde os seus percursos esta porta é muito menos facilmente visível do que a janela com a persiana, ficando numa posição retraída no apartamento. Então numa situação em que a Madeleine não tivesse fechado, ou quase fechado, a porta principal, ainda é razoável assumir que não teriam visto algum estranho quanto à porta.

### Após a saída do apartamento

O sr. Mark Williams-Thomas também tem proferido a hipótese que a Madeleine se afastasse (ou seja, se ausentasse pelos seus próprios esforços) do apartamento, mas não concordamos em dois pontos com a sua reconstituição.

“Is it unreasonable to presume, that Madeleine woke up and then went in search of her parents at a restaurant within a holiday complex that she had grown familiar with over the course of her holiday? Neatly tucking up her toys – as her parents had done to her – she slipped out of the apartment through an insecure patio door.”<sup>34</sup>

Não podemos concluir que a Madeleine foi ao Tapas Bar, porque, como já foi notado acima, sabemos da própria Kate que a Madeleine não sabia onde os pais estavam nas noites. Ademais não podemos concluir que a Madeleine foi pela porta de correr lateral, porque ela não atravessa a cancela de criança, fato que também foi comunicado pela Kate. Uma outra dificuldade é que o sr. Williams-Thomas não profere um claro *acionador* por qual a Madeleine decidiu afastar-se do apartamento, citando o *check* do Matthew somente no seu “narrativo definitivo”. O relatório do elenco de Oakley International parece não ter sido publicado, mas uma referência às suas considerações inclui também a possibilidade de a Madeleine sair pelos seus próprios esforços, com a possibilidade de um acidente ocorrendo depois.<sup>35</sup> No entanto, parece que Oakley International também não identificou um *acionador* para a saída, e, aunque crítico quanto ao avistamento da Jane, não ofereceu uma explicação

---

<sup>34</sup> Mark WILLIAMS-THOMAS (2009: 24).

<sup>35</sup> Len PORT (2013): “More bizarre twists in McCann saga”,  
<http://algarvenewswatch.blogspot.com/2013/10/more-bizarre-twists-in-mccann-saga.html>.

que *relaciona* o próprio caráter problemático deste alegado avistamento com a dinâmica dos *checks*.<sup>36</sup>

No cenário presentemente discutido a saída será muito pouco depois o *check* do Matthew, mais ou menos 21:40h. Em princípio, é possível que a Madeleine tentou andar para alguns lugares de Ocean Club, mas isso não é certo, porque a Madeleine não sabia onde os seus pais ficavam. Ficando numa aldeia num país estranho, facilmente poderá perder-se. Quanto à distância percorrida, podemos estimar que andava com uma velocidade de mais ou menos 3 km/h,<sup>37</sup> e o raio possível da deslocação após 30 minutos terá sido mais ou menos 1,1 km,<sup>38</sup> distância consideravelmente mais grande do que a distância entre o apartamento e o restaurante Millennium.

Com as baixas temperaturas e sem vestimenta adequada, existirá grande perigo de hipotermia com possibilidade de morte, como se confirma pela Kate, aunque na sua abordagem com um implícito raptor deixando a Madeleine:

“The fear of Madeleine being dumped somewhere and dying of hypothermia started to hijack my thoughts.”<sup>39</sup>

Entre mais outras possibilidades, a Madeleine poderia ser raptada quando andar nas ruas, hipótese já contemplada pelo sr. Williams-Thomas.<sup>40</sup> Sem mais informações, muito infelizmente não é possível qual cenário pós-saída é a verdade histórica. Somente destacamos, como já aludido, que a Kate admite que a Madeleine pudesse ter ficado ou andado *sozinha* ao ar livre, hipótese com os iguais problemas analíticos que um cenário de um afastamento quanto ao tempo pós-saída.<sup>41</sup> A diferença única é a intervenção ou não de um suposto raptor.

---

<sup>36</sup> Ademias parece que semelhantes deficiências se encontram na descrição da hipótese de afastamento pelos autores Summers e Swan num artigo no *Daily Telegraph* (09/09/2014), o original do qual infelizmente não podíamos localizar; veja-se <http://themaddiecasefiles.com/topic23283.html>.

<sup>37</sup> ALDÍS Rún Lárusdóttir e Anne DEDERICHS (2010: 6).

<sup>38</sup> Esquinas nas ruas podem diminuir a distância global da deslocação – “Pythagoras”:

$\sqrt{2 \times (1,5 \text{ km}/2)^2} = 1,1 \text{ km}$ .

<sup>39</sup> McCANN (2012[2011]: cap. 5, p. 105).

<sup>40</sup> Mark WILLIAMS-THOMAS (2009: 5).

<sup>41</sup> Veja-se também McCANN (2012[2011]: cap. 5, p. 97), discutido mais em detalhe abaixo.

## Formas dos *checks*

Houve, segundo o Matthew, pelo menos duas distintas formas dos *checks*. O Matthew distingue entre verificação auditiva, limitando-se a ouvir se há ruídos das crianças sim ou não, e uma forma em que se estabelece contato visual com as crianças.<sup>42</sup>

Podemos agora explicar por que razão o Matthew acabou a ficar *dentro* do apartamento do Gerry e da Kate. Pode-se endenter pela informação do Matthew que ofereceu para fazer um *check*, ocorrendo *antes* da Kate dizendo que se pode entrar pela porta de correr lateral:

“I think I offered at that point just because we had been together all week and we had similar routines and it just kind of seemed like a nice thing to do that would save her a journey back up and, you know, it may or it may not have been different. But, erm, I said that and she said yeah fine and she said that the patio door was open and go in through there.”<sup>43</sup>

(É possível que o Matthew estava a pensar somente num *check* auditivo pela janela, como já tinha feito por volta das 21:00h, mas que a Kate mudou o carácter do *check*, porque para ela e o Gerry os *checks* faziam-se nos dias mais recentes somente dentro do apartamento, entrando pela porta de correr lateral. Mencionar o percurso da porta de correr lateral sugeriu que Matthew podia fazer um *check* visual.)

Matthew está consciente (pelo menos depois de 03 de Maio de 2007) do problema de entrar um quarto onde ficam crianças *acordadas* (não dormindo), como pessoa relativamente desconhecida pelos crianças de outros, porque indica que

“usually, we’d check our own and, as far as I know, that didn’t really change. Although, because it wouldn’t seem, certainly for Russell and Jane I’d be happy to check for their children because they know me and if, you know, they had been awake and I went in they wouldn’t be particularly, erm, you know, they wouldn’t be particularly shocked or surprised or not know who I was, but Gerry and Kate and their children I didn’t know them so well”.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> Matthew, auto de inquirição de testemunha PJ 10/05/2007, linhas 389-391.

<sup>43</sup> Matthew, *rogatory interview* 09 April 2008, parte desde 11:54h, depois de 00.23.05.

<sup>44</sup> Matthew, *rogatory interview* 09 April 2008, parte desde 10:19h, depois de 00.33.07, ele continua dizer que “we seemed to know each other better”, mas aqui parece que refere-se mais aos adultos e suas rotinas e não às próprias crianças, que, como já concluímos, nunca foram informados sobre os *checks*.

Isso é uma clara confissão da parte do Matthew que existe uma relação causal entre fazer um *check* e potencialmente assustar crianças. É pena que o Matthew não foi subsequentemente confrontado com a questão: “Então, você não tinha medo de assustar a Madeleine e os gêmeos quando ir fazer um *check*?”

De referir que este assunto de assustar já foi mencionado por um certo L. Azzeri.<sup>45</sup> Este autor, no entanto, entende isso numa abordagem que a entrada do Matthew dentro do apartamento não fosse a realidade histórica (e sugerindo que o relato dessa sim uma fabricação). Não podemos concordar com esta abordagem, porque se fosse a realidade histórica que o Matthew não entrou dentro do apartamento, não fizesse qualquer sentido colocá-lo lá no “narrativo definitivo”. Uma colocação fabricada do Matthew dentro do lugar não acrescenta nada à sequência dos eventos quanto à Madeleine. A ambiguidade do “narrativo definitivo” podia ser obtida por outras maneiras menos confusas, nomeadamente com o Matthew fazendo um *check* auditivo em frente do apartamento (com um intruso/raptor entrando pela porta de correr lateral), ou ignorar completamente qualquer *check* não existente (possivelmente com um pequeno alongamento da visita do Gerry até as 21:20h, e um pequeno adiantamento do *check* da Kate às 21:55h, resultando num espaço de tempo de 35 minutos entre as visitas do casal McCann, perto da meia-hora retórica).

Concluimos que o fato de que o grupo coloca o Matthew dentro do apartamento resulta da circunstância que isso foi a realidade histórica. As diferentes formas em que esta visita foi relatada constituem um indicador que não foi uma fabricação de novo e que para o grupo *esta visita foi o problema para resolver*. A resolução foi a preservação da colocação do Matthew dentro do apartamento, mas em combinação com uma alteração quanto a posição do Matthew de dentro para fora do quarto das crianças. Mas, aunque não fizesse sentido colocar o Matthew dentro do apartamento se isso não fosse a realidade histórica, ainda precisamos de uma explicação por que a visita não foi completamente apagada dos relatos. Temos indicações que esta possibilidade foi de fato contemplada, como veremos abaixo. Mas eliminar a visita do Matthew da história teria sido difícil para defender, porque deixaria subitamente o casal McCann sem *check* por volta das 21:30h. Também a solução de Matthew ter feito um *check* auditivo pela persiana não foi possível porque neste caso ele deveria admitir, sem ambiguidades, que esta foi fechada (não aberta, porque não deu alarme). Então o

---

<sup>45</sup> “Just checking – 1”, março de 2013, [http://l-azzeri-lies-in-the-sun.com/Just\\_Checking\\_-\\_1.html](http://l-azzeri-lies-in-the-sun.com/Just_Checking_-_1.html).

grupo não pôde senão colocar o Matthew dentro do apartamento, onde ficava na realidade histórica. Somente pôde ajustar a posição exata dele.

A hipótese do cenário presentemente discutido é que o grupo rapidamente se tornasse consciente desse problema, necessitando a ênfase no avistamento da Jane. Agora veremos ademais que o Russell faz uma tentativa de normalizar *checks* de crianças de outros, resultando, no entanto, numa contradição. Para entender isso, constatamos primeiramente que houve uma mudança de maneira de entrar no apartamento de Kate e Gerry durante a semana. Fiona diz que

“I know there was a conversation about, oh we’ve started nipping in that way rather than going the long way round [...] they did it the front way for a couple of night [sic]”<sup>46</sup>

implicando que a rota para entrar o apartamento foi durante alguns dias através da porta principal, e somente depois deste período inicial pela porta de correr lateral. No entanto, Russell faz a declaração que ele já fez um *check* no dia de domingo através da porta de correr lateral:

“I actually went into Kate and Gerry’s room [quer dizer *apartment*], erm, on the Sunday and Matt’s room [quer dizer *apartment*] on the Sunday [...]after that first Sunday night, I don’t really recall going into the other people’s apartments [...] I’d come in through the patio door here and gone across sort of diagonally to the, the room where the children were and then just sort of listened at the door without actually entering [...] I entered via the, via the patio, just went to the frame of the door and listened in the room, I didn’t actually go in.”<sup>47</sup>

Essas declarações do Russell sobre um *check* através da porta de correr lateral no domingo são inconsistentes com as da Fiona, então é necessário determinar quem está a divulgar informação falsa. Deve ser Russell e não Fiona, porque o depoimento do Russell é pouco confiável concernente o seus *checks* no domingo, porque também está a referir a um *check* no apartamento do Matthew, que não faz sentido, o Matthew ficando no apartamento dele por causa de doença, fato confirmado pelo próprio Russell:

---

<sup>46</sup> Fiona, *rogatory interview* 10/04/2008, parte 14:10h até 15:52h:, após 00.16.17 e após 00.17.34.

<sup>47</sup> Russell, *rogatory interview* 10 April 2008 *Statement date* 10/04/2008 e *Interview I*, diversos lugares.

“So, yeah, Matt was unwell on the Sunday. Yeah, there was only eight of us there [quer dizer no Tapas Bar].”<sup>48</sup>

Concluimos que Russell está a divulgar desinformação sobre as suas actividades *check* no domingo e não cremos que fez um *check* através da porta de correr lateral de Gerry e Kate.

Isso apresenta-nos duas necessidades: a de determinar o motivo do Russell para divulgar declarações que não têm valor histórico, e a de estudar um pormenor específico dessas declarações. O cenário presentemente discutido traz soluções para estes problemas: mencionar este suposto *check* faz que o *check* do Matthew de 03 de maio já não seja incomum, aliviando o carácter idiossincrático desse *check*; o pormenor de “ouvir pela porta do quarto sem de fato entrar” nesse episódio a histórico somente se pode explicar como tentativa de Russell de sugerir que este método de *check* como supostamente feito pelo Matthew foi uma coisa normal para fazer. Esse depoimento do Russell confirma o significado especial que a diferença *dentro/fora* do quarto das crianças tem para o grupo.

#### A interação entre o avistamento da Jane e a entrada do Matthew

O avistamento da Jane e o *check* do Matthew são muito problemáticos e colocam dificuldades em reconstituir a sequência dos eventos da noite de 03 de maio. Para entendermos por que o grupo estava a divulgar esses inquietantes relatórios, é necessário estudar alguns pormenores. Iniciemos com o avistamento da Jane. Ela diz que passou por volta das 21:10h-21:20h o Gerry e o Jeremy (Jez) Wilkins no mesmo lado da rua,<sup>49</sup> mas nem o Jeremy nem mesmo o Gerry a viram, Gerry dizendo que falou com o Jez ao outro lado da rua.<sup>50</sup> A Jane proferiu que quase no mesmo momento tinha visto um adulto com uma criança no colo. Este famoso avistamento obteve muito ênfase nos relatórios do grupo como sendo uma observação do suposto raptor e a Madeleine respectivamente.<sup>51</sup>

---

<sup>48</sup> Russell, *rogatory interview* 10/04/2008, *Interview I*. Compare-se Matthew, *rogatory interview* 09 April 2008, parte desde 10:19h, depois de 00.22.52: “I felt completely icky all the day Sunday, so I think to try and avoid infecting anybody else, I didn't do much outside the apartment and certainly in the evening I didn't go for, erm, didn't go for dinner”. Ver também Rachael, *rogatory interview* 09/04/2008, parte de 10:23h até 12:19h, depois de 00.30.51.

<sup>49</sup> Jane, auto de inquirição de testemunha PJ 04/05/2007, linhas 112-115 e “croqui”; auto de inquirição de testemunha PJ 10/05/2007, linhas 222-233; *rogatory interview* 08/04/2008, *Interview IV*.

<sup>50</sup> Gerry, entrevista PJ 10/05/2007, linhas 295-296; Jeremy Wilkins, Leicestershire Constabulary Officer's Report 05/11/2007, p. 3.

<sup>51</sup> Veja-se McCANN(2012[2011]: cap. 6, p. 108, cap. 7, p. 124, cap. 23, p. 449).

Esta obstinada ênfase é muito curiosa. Mesmo no caso que haver um raptor, não seria certo que o adulto supostamente visto pela Jane deve ser ele. De fato, foi mais recentemente afirmado pelo sr. Andy Redwood que o adulto alegadamente visto pela Jane quase certamente não foi o suposto raptor,<sup>52</sup> tornando o aviso anteriormente tão crítico completamente irrelevante para as futuras investigações – aunque o *Madeleine's Fund* ainda no março de 2018 tinha dificuldade em afastar-se do avistamento.<sup>53</sup> Seja como for, permanece a questão de saber a razão da ênfase no avistamento das 21:15~25h, ou seja, antes do *check* do Matthew. O Dr Gonçalo Amaral menciona isso nessa maneira:

“Por alguma razão, é necessário dizer que Jane [T.] viu um homem com uma criança ao colo, entre as 21 h 20 /21 h 25 e que entre esse momento e a hora do alarme (22 h 00) alguém do grupo [na “segunda lista”: Matthew] se deslocou ao quarto do apartamento 5<sup>a</sup> e apenas viu os gémeos, desconhecendo se Madeleine estava na cama.”<sup>54</sup>

Para entendermos melhor o complexo de problemas concernente os movimentos da Jane e do Matthew, será útil quando distinguirmos entre dois contrastes: o de *antes/depois* de 21:30h e o de *rapto/afastamento*. Gerry inicialmente considerava um desaparecimento depois de 21:30h, sob base do *check* do Matthew no seu apartamento, mudando este “erro” numa convicção de que o desaparecimento fosse antes de 21:30h.<sup>55</sup> Certamente um afastamento da Madeleine foi considerado nas primeiras horas depois do desaparecimento, porque termos vários depoimentos do grupo descrevendo elementos do mesmo buscando a Madeleine na base de uma tal suposição, como estudaremos abaixo.

Dr. Amaral conclui que “Os testemunhos de Matt [O.] e Jane [T.] não batem certo”<sup>56</sup> mas a razão para isso fica somente referida como “alguma”; não se determina uma específica razão da indicada ordem de hora. Essa circunstância é um ponto fraco na hipótese da suposta ocultação do cadáver da Madeleine já morta: se fosse o objetivo dos amigos dos McCann de ajudá-los no encobrimento da morte e da ocultação, não seria necessário contar tais

---

<sup>52</sup> BBC, 15/10/2013, “Madeleine McCann: Police reveal ‘pre-planned abduction’ theory”, <http://www.bbc.com/news/uk-24528530>.

<sup>53</sup> “Unidentified people of interest to the inquiry”, [http://findmadeleine.com/campaigns/unidentified\\_people.html](http://findmadeleine.com/campaigns/unidentified_people.html), acessado 4 de março de 2018

<sup>54</sup> AMARAL (2008: 138).

<sup>55</sup> Gerry, auto de inquirição de testemunha PJ 10/05/2007, linhas 336-340. Compare-se os comentários acima sobre o fato de que o Gerry não considerou o *check* do Matthew problemático.

<sup>56</sup> AMARAL (2008: 139, cf. p. 57).



contorcidos relatos. Seria suficiente relatar que o Matthew fizesse o seu *check* às 21:30h, constatando que a Madeleine ainda estivesse no quarto, e que depois a Jane tivesse o seu avistamento na sua *segunda* deslocação dessa noite, sem a situação problemática de Jane passar por Gerry e Jeremy Wilkins, que não estavam lá neste momento.

Então a ordem de hora do avistamento da Jane e do *check* do Matthew não satisfazem muito bem o cenário da ocultação do cadáver. Mas mesmo dentro um cenário hipotético em que de fato houvesse um raptor, a ênfase rígida no avistamento da Jane não faz muito sentido. Suponhamos por um momento que o Matthew ainda encontrasse a Madeleine no seu *check* por volta das 21:30h e na meia-hora seguinte a Madeleine fosse raptada. A conclusão seria simplesmente que as pessoas vistas pela Jane por volta de 21:15h não eram a Madeleine e seu raptor, e se deve identificar uma outra pessoa como o suposto raptor. A insistência no avistamento de Jane no tempo de 21:15/25h somente pode explicar-se se entendemos-na como uma resolução de um problema pressionante para o grupo. Um afastamento da Madeleine é o mais provável candidato para um tal problema (confirmado pelas buscas feitas após o desaparecimento, como veremos mais em detalhe abaixo).

O cenário presentemente discutido dá uma clara razão para isso: sem um intruso/raptor (e sem uma ocultação de um cadáver), e não havendo qualquer problema na noite de 03 de maio (saúde etc.), a única explicação da desaparecimento da Madeleine será que ela fosse provocada para sair do apartamento como resultado da dinâmica de abandono-com-*checks* – abandono pelos pais, e *check* pelo Matthew, fatos que a Madeleine não pudesse entender. Isso faz a dinâmica de abandono-com-*checks* a *causa principal* do desaparecimento. De destacar que as declarações são consistentes em afirmar que esta dinâmica foi uma ideia coletiva e pre-determinado.<sup>57</sup> No presente cenário, é muito fácil entender que para o grupo o problema para resolver foi o *check* do Matthew. Para uma tal resolução existiam aparentemente duas possibilidades que mencionam-se nas duas listas (linhas de tempo) do Russell (a “segunda” dessas já referida acima).<sup>58</sup> Uma possibilidade foi apagar completamente o *check* do Matthew da história (a versão da “primeira lista”). A segunda possibilidade é sim mencionar o *check* do Matthew, mas enfatizando que “vê os gémeos” sem qualquer indicação se viu a Madeleine

---

<sup>57</sup> McCANN (2012[2011]: 72; Rachael, *rogatory interview* 09/04/2008, parte I/III, depois de 00.29.02; Russell, *rogatory interview* 10/04/2008 *Statement date* 10/04/2008; Luísa Ana de Noronha de Azevedo Coutinho, auto de inquirição de testemunha PJ 08/05/2007, linhas 23-30.

<sup>58</sup> Traduções em AMARAL (2008: 137); originais com os PJ depoimentos do Gerry.

sim ou não, assunto que tem o nosso interesse primordial. Já propusemos acima que o grupo optou, nesse caso, para a segunda versão, possivelmente antecipando possíveis testemunhas humanas e físicas.

Em ambas listas o avistamento da Jane já foi incluído, excluindo a sua segunda visita a seu apartamento. Esta segunda visita foi reintroduzida na “Sequence of Events: Thursday 3<sup>rd</sup> May 2007 – 2030 to 2000”<sup>59</sup> e já em algumas – não todas – entrevistas pela PJ no dia de 04 de Maio de 2007. (Um ponto da vista pode ser que, julgando na base das listas do Russell, somente houvesse *uma só* visita da Jane a sua casa entre as 21:00h e as 22:00h, que fosse colocada entre o *check* do Gerry e o subsequente do Matthew, com o resultado que houvesse excepcionalmente pouco tempo entre o fim desse *check* da Jane e o início do *check* do Russell e produzindo a contração com o Gerry e Jeremy Wilkins. O Russell mesmo inicialmente disse que a Jane na sua primeira visita voltou *antes* do Gerry.<sup>60</sup>) Esta ênfase no Jane nas listas no tempo de 21:15~20h explica-se naturalmente no cenário presentemente proposto como solução do problema do *check* do Matthew: se a Madeleine já não estivesse no seu quarto, o dito *check* não poderia ser um fator causal no desaparecimento. As confusões que consequentemente emergiam nos depoimentos da Jane e do Matthew são o preço que o grupo deve pagar para afastar atenção do *check* do Matthew, que para o grupo é um problema mais grande do que as ambiguidades nos seus depoimentos. Ademais, colocar o Matthew fora do quarto em lugar de dentro não só tem o objetivo de facilitar a possibilidade do Matthew fazer o seu *check* sem ele ver a Madeleine, mas tem uma vantagem secundária, nomeadamente detornar menos óbvios os efeitos da entrada pelo Matthew no espaço pessoal da Madeleine.

### Buscas

A Kate não nega a possibilidade que a Madeleine estava a andar nas ruas de Praia da Luz depois do seu desaparecimento, mas atribui um tal evento a um ato do suposto raptor de deixá-la:

---

<sup>59</sup> *Juntada* do Inspector Manuel Pinho, Portimão 10/05/2007.

<sup>60</sup> Russell, auto de inquirição de testemunha PJ 04/05/2007, linhas 37-38.

“Gerry had been over to the Mini Club above the twenty-four-hour reception, thinking that if Madeleine had been left somewhere, she might possibly make her way back to any place that was familiar to her.”<sup>61</sup>

Isso parece uma boa solução para o problema de como evitar a conclusão de que quando a Madeleine ser vista nas ruas, seria por causa de afastar-se. Escrever “had been left” possibilita a gente encontrar a Madeleine nas ruas sozinha e manter o cenário do rapto. Este pensamento mostra uma falta de sensibilidade para escrever na perspectiva da Madeleine. Suponhamos que um raptor, com muita agilidade, levasse a Madeleine através da janela do quarto dela. A Madeleine ainda pudesse pensar que os seus pais ficassem no apartamento. Deixada pelo raptor, a sua objectiva seria voltar ao apartamento com os seus pais, não ao Mini Club. Ademais, não é credível que o Gerry pensava já neste momento que poderia encontrar a Madeleine no Mini Club deixada nas ruas por um raptor quando este ter raptado a criança com tão boa sorte pouco tempo antes. Estudamos abaixo em mais detalhe os movimentos de alguns elementos do grupo que indicam que estavam a buscar na base de suposição que a Madeleine andou desde o apartamento para algum outro lugar. O cenário presentemente discutido oferece uma clara razão para isso: para a Madeleine *os seus pais são as pessoas desaparecidas* do apartamento, e é natural supor que quisesse achá-los.

Podemos estudar as suposições do grupo nas buscas com mais destaque quando analisamos as diferentes possíveis explicações que o grupo considerou nas primeiras horas depois do descobrimento do desaparecimento. O grupo inicialmente buscou nos arredores imediatos:

“O grupo [...] buscou todas as instalações, piscina, ténis etc.”<sup>62</sup>

Mais tarde as buscas foram expandidas a mais grandes distâncias,<sup>63</sup> modo de operação indicando que o grupo não fiz suas buscas baseadas na hipótese de um raptor, mas na

---

<sup>61</sup> McCANN(2012[2011]: cap. 5, p. 97).

<sup>62</sup> Kate, auto de inquirição de testemunha PJ 04/05/2007, linhas 101-102.

<sup>63</sup> Rachael, auto de inquirição de testemunha PJ 11/05/2007, linhas 85-87, 90-92: “Logo após, os homens do grupo começaram a fazer uma busca à volta dos apartamentos, numa tentativa de encontrar a criança [...] Em seguida, estenderam as buscas até zonas mais distantes, tendo o seu marido se dirigido à recepção principal para ver se aí se encontrava a MADELEINE”; Fiona, *rogatory interview* 10/04/2008, parte de 11:10h até 12:34h, depois de 00.45.09: “Dave, erm, Matt, Russell and myself split up in four different directions just to do a search, you know, again assuming that she must have just wandered off”. Matthew, *rogatory interview* 09/04/2008, parte desde 11:54h, depois de 00.51.10: “I volunteered to go up to the, erm, I went up to the Millennium Restaurant because it was just one of the routes that I thought she might have taken” – provavelmente Matthew foi a pessoa

hipótese de um afastamento da própria Madeleine. Um raptor não a teria levado para estes lugares, e a Madeleine, deixada nas ruas pelo suposto raptor, certamente não teria ido para os arredores do apartamento, mas sim para o próprio apartamento.

Fiona conta mesmo que

“I think after I'd been in the apartment, I think the furthest I went away from the apartment at that point was just to go to the stairwell to check, because I thought nobody had checked, you know, up, going up in the building to see if she'd gone up there, and I'd started to go up the stairs”,<sup>64</sup>

admitindo que mesmo *depois* de ficar no apartamento *ainda* pensava que a Madeleine pudesse estar na caixa de escada do edifício, tendo chegado lá pelos seus próprios esforços, o que não corresponde bem com pensamentos num rapto. David implica que fez buscas na suposição que a Madeleine se afastara:

“I did a sweep of the err the pool err and the area you know immediately around err the Ocean Club [...] I started venturing up towards the err Millennium where we'd eaten [...] I again I was just building up hope that she'd ran off err you know I actually went on a search and I went down past the Supermarket, I went down towards the err seafront, you know went along the whole length of the err beach looking under you know err beach huts and etcetera, just you know and shouting Madeleine”

mas mais tarde admita que

“we were trying to convey that she's been abducted [...] We were trying to impress the importance to the, to the err two Policemen err that you know that she'd been abducted”.<sup>65</sup>

Então, enquanto o David pensava e atuava em privado que a hipótese de um afastamento da Madeleine estivesse dentro da gama das possibilidades, está a admitir que a polícia devesse ser informado somente da hipótese de um rapto. É clara indicação que a desinformação dada

---

descrita por Maria José dos Santos Rosa, auto de inquirição de testemunha PJ 06/05/2007, linhas 7-8: “apareceu no restaurante Millenium um turista Inglês a perguntar se tinham visto por ali alguma criança perdida.” Compare-se (entre outros) Mónica Azevedo Coutinho Marques, auto de inquirição de testemunha PJ 08/05/2007, linhas 19-20, questionada por volta das 22:30h “se teria vista uma menina que teria desaparecido alguns momentos antes” – as pessoas estavam a buscar uma menina, não uma menina com o seu raptor.

<sup>64</sup> Fiona, *rogatory interview* 10/04/2008, parte de 11:10h até 12:34h, depois de 00.55.20.

<sup>65</sup> David, *rogatory interview* 11/04/2008, parte dois, depois de 00:01:48.

à polícia servia para propaganda, não para esclarecer os eventos. Também é evidente do depoimento do David que a hipótese de um afastamento não era oportuna para compartilhar com a polícia.

#### Intrusão e afastamento não são mutuamente exclusivos; a persiana

De destacar que o suposto fato de haver um intruso não prova nada sobre a possibilidade ou não de a Madeleine afastar-se. Uma pessoa entrando no apartamento não necessariamente raptou a Madeleine, fato imediatamente óbvio quando pensarmos no caso do *check* do Matthew. Consideremos ademais as seguintes possibilidades:

Ficando forado apartamento, o intruso aspirante abre a persiana e a janela do quarto da Madeleine por qualquer maneira. Madeleine desperta-se por causa do barulho. O homem fica com medo por causa de a Madeleine despertar-se e foge. Perturbada, a Madeleine busca os pais e não encontrando-os no apartamento sai pela porta principal, fechando ou quase fechando esta. O Matthew, não controlando a cama da Madeleine, não observa que a Madeleine já não está lá.

E também:

Depois o *check* do Matthew, a Madeleine busca os pais e não encontrando-os sai pela porta principal. O intruso (aspirante) vê a Madeleine na rua e, concluindo que não há adultos no apartamento, entra no apartamento por qualquer maneira. Abre a janela e a persiana, e vê uma pessoa passando (às vezes havia pessoas passando, pelo menos do próprio grupo). O intruso fica com medo por causa de tráfego e foge do apartamento.

Os McCann contam que a persiana foi encontrada movida para cima.<sup>66</sup> Mas disso, não temos prova, porque a persiana foi movida muitas vezes depois, aparentemente por pelo menos de três pessoas,<sup>67</sup> com os consequentes posições acima e abaixo em alternância. A situação original da persiana no momento de que a Kate atravessara a porta lateral tornou-se mais tarde impossível apurar por outras pessoas, especificamente a polícia. Mas, como indicado, mesmo uma persiana verdadeiramente movida não prova um rapto.

---

<sup>66</sup> Gerry, auto de inquirição de testemunha PJ 10/05/2007, linha 325.

<sup>67</sup> Gerry, auto de inquirição de testemunha PJ 10/05/2007, linha 329; Dianne, *rogatory interview* 11 April 2008, parte II; Kate (relato de Rachael, *rogatory interview* 09 April 2008, parte III/III, depois de 00.09.38).

## O avistamento dos Smith

Por volta de 22:00h, a família Smith cruzou-se com um homem com uma criança ao colo.<sup>68</sup> Pode ser que estes indivíduos foram um pai com a filha dele, como se diz agora do avistamento da Jane, e como era muito normal encontrar na Praia da Luz,<sup>69</sup> ademais havendo muitas raparigas semelhantes à Madeleine.<sup>70</sup> Seja como for, a Kate o entende necessário identificar estas pessoas com o adulto e a criança supostamente vistos pela Jane por volta de 21:15h:

“The police did not appear to feel that Jane’s sighting in Rua Dr Agostinho da Silva and the man and child reported by the Irish holidaymakers in Rua da Escola Primária were related. [...] To me the similarities seem far more significant than any discrepancy in timing”,

identificando os adultos vistos como “this man” no singular.<sup>71</sup> A associação dos dois avistamentos separados por 45 minutos requer uma análise. Se haver, na realidade, um intruso/raptor, não seria necessário fazer qualquer conexão entre os dois avistamentos. Simplesmente teríamos dois possíveis indivíduos que poderiam ser o raptor sim ou não. Também no cenário de um encobrimento da ocultação da Madeleine já morta, não seria necessário ligar os avistamentos, oferecendo à polícia e ao público duas possibilidades para identificar o suposto raptor, sendo muito usual em casos de crime ter mais do que um suspeito. Estes dois suspeitos seriam possíveis, por razão de já existir o ambíguo “narrativo definitivo” de Matthew, que se pode usar para um rapto antes assim como depois das 21:30h.

Então ligar os dois avistamentos é muito curioso. Isso pode explicar-se com o cenário presentemente discutido no sentido que ligar os avistamentos reforça a ênfase no suposto rapto ocorrer antes do *check* do Matthew. No entanto, também neste caso seria completamente desnecessário fornecer esta ideia de conexão ao público, e concluímos que divulgá-la é uma forma de *descair-se* pela Kate. De fato, a importância contínua que o avistamento da Jane tem para o *Madeleine’s Fund* (como já referido acima) é do mesmo

---

<sup>68</sup> Martin Smith, auto de inquirição de testemunha PJ 26/05/2007, linhas 25, 32-33.

<sup>69</sup> Jeremy Wilkins, Leicestershire Constabulary Officer’s Report 05/11/2007, p. 2; Martin Smith, auto de inquirição de testemunha PJ 26/05/2007, linhas 25-31.

<sup>70</sup> Svetlana Starikova Vitorino, auto de inquirição de testemunha PJ 08/05/2007, linhas 10-12.

<sup>71</sup> McCANN (2012[2011]): cap. 21, pp. 403-404), veja-se também cap. 7, pp. 125-126.

caráter desnecessário, e também uma forma de descair-se, ainda mais indicando uma fixação no *ponto de tempo*, não a existência em geral, do suposto rapto.

O avistamento dos Smith é independente do grupo e muito mais robusto do que o da Jane. Então poderíamos esperar que o avistamento da Jane pudesse facilmente ser abandonado em favor do avistamento dos Smith. Mas isso não ocorreu. O grupo não tinha conhecimento do avistamento dos Smith quando formulou as linhas de tempo na noite de 03/04 de Maio. O avistamento dos Smith entrou na sua consciência somente como um dado “extra” que para eles, tinha relativamente pouca relevância. Foi necessário ligar o desaparecimento da Madeleine com o avistamento da Jane, e o dos Smith ocorrendo demasiado tarde, depois do *check* do Matthew. Fazer uma conexão parece ser inspirado pelo desejo de salvaguardar a importância do avistamento da Jane, mas, no nosso entendimento, a Kate aparentemente não ficou ciente que isso já não era necessário, uma vez que o *check* do Matthew já foi feito suficientemente ambíguo.

Uma outra possibilidade seria que a conexão foi inspirada pela necessidade de encobrir o suposto fato de que o adulto visto pelos Smith foi o próprio Gerry.<sup>72</sup> Porque a Jane viu o suposto raptor quase simultaneamente com e separadamente do Gerry, identificar o raptor da Jane com o homem dos Smith implicasse que o homem dos Smith não fosse o Gerry. A ideia de que a necessidade de encobrir uma ocultação de um cadáver foi o motivo para equalizar os indivíduos dos dois avistamentos, está dependente da própria realidade histórica de uma tal ocultação. Isso podemos ignorar com referência ao “narrativo definitivo” de Matthew. Se fosse a realidade histórica que Madeleine já fosse morta um tempo antes das 22:00h, o Gerry transportando o cadáver para a praia poucos minutos depois do “descobrimento do desaparecimento” pela Kate, a forma do relato do *check* do Matthew no encobrimento teria sido diferente, como explicamos no parágrafo seguinte. Ademais, se o grupo pode declarar que o descobrimento por Kate do desaparecimento foi pelas 22:00h, eles não precisam da conexão por a razão de evitar uma associação entre o Gerry e o adulto visto pelos Smith.<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> Lindsay Long para John Hughes 20/09/2007, “FAMÍLIA SMITH” (baseada numa mensagem telefónica), tradução Carla Romana Fidalgo Esteves.

<sup>73</sup> Não podemos dizer agora que a criança observada fosse a Madeleine sim ou não; isso pode depender dos eventos depois da saída dela do apartamento.

## Discussão comparativa

Qualquer cenário deve explicar satisfatoriamente os eventos e simultaneamente também as declarações do grupo, porque a dinâmica do abandono-com-*checks* forma parte integral da história do desaparecimento, seja com pano de fundo, seja como causa principal. Neste sentido, o cenário de um rapto é autoderrotista: se houvesse *na realidade* um rapto, expectaríamos do grupo um relatório muito coerente acerca desse rapto, mas em lugar disso eles nos daram muitas confusões. Isso é um forte argumento que não houve um rapto por um intruso. Temos mais argumentos contra um rapto por um intruso. Kate escreve, como já indicado, que a Madeleine não teria aberto e fechado a porta de correr lateral, a cancela de criança, e a porta ao lado da rua.<sup>74</sup> Mas então concluímos que o suposto raptor não entrou através da porta de correr lateral, porque ele não iria a fazer os esforços para cerrar todas estas portas nem quando entrar o apartamento, nem quando sair.<sup>75</sup> Com a porta principal fechada-mas-não-trancada, a rota de fora para dentro também torna-se impossível. A hipótese de o raptor/intruso ter uma outra chave da porta principal, com o emergente problema da necessidade de explicar como tinha acesso a um tal chave, até hoje nunca foi confirmada.<sup>76</sup> Mas também uma entrada através a terceira possibilidade considerada a sério, a janela do quarto da Madeleine, não podemos aceitar. O suposto intruso deveria observar os movimentos do grupo, incluindo os McCann, para ter uma “*window of opportunity*”. Os McCann confirmaram isso num programa da BBC em 2007.<sup>77</sup> Mas suas observações o tornariam muito claro para o intruso/raptor haver um modo de acesso fácil pela porta de correr lateral, fazendo uma entrada pela janela, com todas as desvantagens, desnecessária. Podemos também excluir uma entrada pela janela. Então concluímos que não houve qualquer entrada de um intruso/raptor. Ademais, o tráfego do próprio grupo devia fazer pouco atraente,

---

<sup>74</sup> McCANN (2012[2011]: cap. 7, p. 125).

<sup>75</sup> Um semelhante argumento foi proposto por L. Azzeri já referido acima, 12/03/2013, [http://l-azzeri-lies-in-the-sun.com/Kate\\_the\\_Missing\\_Jemmy.html](http://l-azzeri-lies-in-the-sun.com/Kate_the_Missing_Jemmy.html).

<sup>76</sup> De destacar que com uma chave, a janela e a persiana abertas fazem pouco sentido. Fontes da ideia: McCANN (2012[2011]: cap. 8, p. 165); *Express* (James Murray) 09/02/2014, que menciona a *alegação*: “Apartment key theft cover-up by resort staff in Madeleine McCann case”, <http://www.express.co.uk/news/world/458798/Apartment-key-theft-cover-up-by-resort-staff-in-Madeleine-McCann-case>.

<sup>77</sup> *Panorama*, 19/11/2007, <https://www.youtube.com/watch?v=Zqoj-pfBUtY>, depois de 48’43” – note-se que a Kate está a dizer que Gerry “*d just been*” no apartamento, aunque o Gerry está a seguir a linha que ele e o suposto raptor estavam no apartamento simultaneamente, evento que necessitaria que o Gerry tivesse visto quer a porta de correr lateral (e provavelmente a cancela de criança), quer a janela e a persiana do quarto, abertas; veja-se também: BBC, 18/11/2007, “The mystery of Madeleine McCann”, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/panorama/7100536.stm>; cf. McCANN (2012[2011]: cap. 4, p. 75, cap. 23, p. 449).



para qualquer intruso aspirante (raptor, ladrão), tentar fazer alguma coisa no bloco de apartamentos deles, como já foi aludido pelas autoridades portuguesas.<sup>78</sup> Furtos em outros lugares da Praia da Luz não têm relevância para estudar o presente caso porque estes não vêm com *checks*.

O cenário da ocultação do cadáver da Madeleine já morta inicialmente tinha argumentos em favor no sentido que houve alguns vestígios físicos. Mas subsequentemente as investigações nestes vestígios não foram conclusivas e os resultados concretos parecem fracos.<sup>79</sup> Também o cenário é complicado no sentido que deveríamos aceitar que o cadáver fosse deslocado com um carro uma segunda vez aproximadamente três semanas depois, ato que atraísse o risco de descobrimento, após uma ocultação aparentemente muito efetiva na noite de 03/04 de maio. Mas adicionámos acima mais um ponto fraco do cenário da ocultação: não explica satisfatoriamente as declarações sobre o suposto avistamento da Jane e o modo de atuação, no “narrativo definitivo”, do Matthew no seu *check* na noite de 03 de maio no apartamento da Madeleine. Constatamos ademais uma falta de qualquer alerta do cão Eddie nas praias ocidental e oriental<sup>80</sup> (orientação do homem do avistamento dos Smith, onde podia ser depositado o cadáver), mas sim houve uma alerta “num canteiro do quintal” (Amaral 2008: 227) sem reconstituição como se depositou o relevante vestígio num tal lugar, que não corresponde muito facilmente com uma deslocação do cadáver.

O acidente fatal teria ocorrido após a visita do Gerry ao apartamento, pelas 21:00h, a Madeleine tendo acordado, ouvindo o seu pai falando com Jeremy Wilkins, subindo no sofá, e caindo mortalmente deste.<sup>81</sup> Ora a tarefa é descrever a situação desde este momento até o descobrimento do cadáver e o alarme, e aqui encontramos algumas problemas. O Dr. Amaral sugere que o alarme da Kate ocorreu já antes das 22:00h.<sup>82</sup> Observamos que quanto mais cedo o alarme ocorrer, menos provável terá sido que o Matthew fiz um check entre o do Gerry e a do Kate. Mas isso não podemos aceitar, porque o Matthew mantém que estava no interior do apartamento. Se isso *não* fosse a realidade histórica, ele não contaria perante a

---

<sup>78</sup> Despacho de arquivo, Procuradoria da República, Círculo Judicial de Portimão, *Conclusão em 21/07/08*, p. 46, ponto 3.

<sup>79</sup> Despacho de arquivo, Procuradoria da República, Círculo Judicial de Portimão, *Conclusão em 21/07/08*, p. 39. Compare-se a informação do sr. John Robert Lowe, Op task – in confidence, 03 de setembro de 2007.

<sup>80</sup> Martin Grime, Operation task canine search report, agosto 2007.

<sup>81</sup> AMARAL (2008: 188).

<sup>82</sup> AMARAL (2008: 138-139).

polícia o seu confuso relato como uma contribuição a um encobrimento, porque certamente não quereria colocar-se dentro de um apartamento que fica associado com uma criança desaparecida ou mesmo morta.<sup>83</sup>

Então devemos concluir que se o Matthew dissesse que ficou dentro do apartamento, di-lo-ia porque era a realidade histórica. Este fato significa pelo menos duas coisas. Primeiramente, colocar o *check* da Kate pelas 22:00h é razoável. Em segundo lugar, no entanto, chegamos a uma curiosa situação: o Matthew teria ficado dentro do apartamento enquanto a Madeleine estava a morrer, ou já estava deitada morta, atrás do sofá, sem o Matthew perceber. Existem duas contingências: o Matthew entrou no quarto das crianças, ou não. No primeiro caso, ele deve ter visto a Madeleine na sua cama, porque não deu alarme. Isso desprovaria o cenário da ocultação do cadáver da Madeleine, pelo menos se devêssemos assumir que ela caiu do sofá por volta de tempo da conversa do Gerry com Jeremy Wilkins. Mas também isso faria o cenário da ocultação do cadáver em geral muito difícil para defender. A morte da Madeleine teria ocorrido depois a visita do Gerry, que ainda tinha comportamento normal durante a sua conversa com Wilkins e antes do horário das mais ou menos 22:00h, depois do qual foi observada por terceiros pessoas com bastante angústia.<sup>84</sup> Mas o descobrimento do cadáver somente poderia ocorrer com a visita da Kate, e se esta ocorreu pelas 22:00h, essa circunstância deixou pouco tempo para atuar. O segundo caso, o Matthew não entrando no quarto, parece à primeira vista bem compatível com a hipótese da morte, mas todavia é problemático, porque deveríamos aceitar que o “narrativo definitivo” do *check* do Matthew fosse, de fato, a versão original do relato (que refletasse a realidade histórica), e isso não corresponde com o depoimento do Gerry de 04 de maio, que indica que houve uma *mudança* no relato. De uma maneira ou de outra, o cenário do morte e a ocultação não se coaduna bem com o *check* do Matthew.

---

<sup>83</sup> Podemos assumir, no cenário relevante, que o grupo tivesse conhecimento do último (a morte), tendo sido informado pelos McCann, porque um verdadeiro rapto não precisasse de um encobrimento, e um afastamento da Madeleine é o que fica negado pelo grupo perante a polícia e o público. De fato o Matthew tinha um muito duro tempo durante a sua entrevista do 10 de maio sobre a sua visita, chorando quase histericamente (McCANN 2012[2011]: cap. 8, p. 156). Podemos absolutamente excluir a ideia que se criasse um problema que não solvesse satisfatoriamente um outro.

<sup>84</sup> Vejam-se p. ex. Pamela Isobel Fenn, auto de inquirição de testemunha PJ 20/08/2007, linha 37, cf. linhas 51-52; Jeremy Wilkins, Leicestershire Constabulary Officer's Report 05/11/2007, p. 3, e *Witness Statement* Leicestershire Constabulary 07/05/2007, pp. 6-7.

Seria perfeitamente possível que o alarme da Kate foi pelas 22:00h. O argumento de que fosse necessário inserir uma visita do Matthew, que na realidade não existisse, *dentro* do apartamento porque se precisasse de transpor o tempo entre os *checks* do Gerry e da Kate somente confirmaria que o alarme da Kate foi relativamente tarde. E ainda seríamos confrontados com a estranheza do “narrativo definitivo” do Matthew, que leva consigo as indefinições quanto à localização da Madeleine e à posição da persiana. Mas estas indefinições somente entendem-se em relação com a obstinada insistência do grupo que o suposto raptor somente pudesse atuar pelas 21:15/25h com o avistamento da Jane. Mas, como já referido no parágrafo sobre o avistamento dos Smith, para um encobrimento de uma ocultação de um cadáver entre as 21:15 e as 22:00h, somente requiere sugerir à polícia e ao público *um* raptor não importando o horário.

Conseqüentemente esperaríamos que uma ocultação do cadáver tivesse provocado diferentes relatos de encobrimento: (a) o suposto raptor teria (sem alternativas) entrado pela porta de correr lateral (com relatos sobre esta ser encontrada aberta, em lugar da persiana) e o Matthew (ou por exemplo a Rachael) teria feito o seu *check* ao outro lado do apartamento em frente da janela, como um *check* auditivo. Nessa maneira teria sido possível criar um espaço de tempo de  $\pm$  45 minutos para descobrir e ocultar o cadáver, e dizer que a Madeleine pode ser raptada quer antes, quer depois do *check* auditivo do Matthew, sem muita torção narrativa (recorde que isso é possível sem falar sobre a persiana ficando levantada). Uma outra possibilidade com muitas vantagens para o grupo seria de relatar que: (b) o Matthew teria entrado no quarto, vendo a Madeleine, e a Jane teria visto o suposto raptor na altura da sua *segunda* visita ao apartamento dela. Isso limita um proposto rapto num período mais curto, mas não importa nada enquanto ocorrer antes das 22:00h, sendo totalmente fictício, mas/e impossível de desprovar, e sem estranhezas. Também teria uma grande vantagem em possibilitar ao grupo dizer que o casal McCann não ficava dentro do apartamento entre as 21:30h e 22:00h, tempo quando o casal estivesse a descobrir o cadáver, preparar e organizar o transporte deste, e a limpar a sala, como o cenário de ocultação depois a conversa do Gerry com sr. Wilkins requer. Mas o grupo não proferiu um tal relatório com tantas vantagens num caso de ocultação. (Existiria, todavia, a desvantagem que o grupo deveria esconder que o Gerry e Kate estivessem simultaneamente afastados da mesa de jantar, que poderia ser negado pelos empregados do restaurante. Mas esse último aspecto também indica que o cenário é problemático.) Na possibilidade (a) o *check* do Matthew teria sido somente auditivo, mas é exatamente o ponto crucial do cenário presentemente discutido que o *check*

do Matthew foi transformado de um *check* visual num *check* auditivo, mas com caráter muito confuso, como um *check* (parcialmente) auditivo *dentro* do apartamento. Num encobrimento de uma ocultação isso não tem qualquer valor adido. *Tudo isto indica que uma ocultação de um cadáver não foi o motivo da desinformação.*

No cenário presentemente proposto esses aspectos das declarações do grupo são mais naturalmente explicadas. A insistência no avistamento da Jane por volta de 21:15/20h é a solução do problema que o dito *check* do Matthew apresentava ao grupo. As estranhezas nas declarações do grupo sobre estes assuntos seriam consequências desfavoráveis para a credibilidade do grupo, mas inevitáveis se o objetivo seja diminuir a importância do *check* do Matthew. Naturalmente, o avistamento da Jane tem suas próprias estranhezas, assim como o *check* do Matthew. Mas o dito avistamento tem, para o grupo, uma grande funcionalidade que o dito *check* não tem. O avistamento oferece uma explicação da desaparecimento da Madeleine, e oferece ademais um ponto de tempo no qual isso teria ocorrido. O *check* do Matthew não tem tais funções no grande esquema do grupo. É somente problemático.

Essa prova é de caráter lógico, e uma prova física para qualquer desses cenários deve ser entregue pelo evento de achar Madeleine. Podemos também estudar o que é necessário se quisermos desprovar o cenário. De fato, isso pode-nos necessitar de descartar muitas verdades proferidas pelos McCann e seus amigos. Estudemos a tabela seguinte:

*(Continua-se na página seguinte)*

<i>Declaração ou implicação</i>	<i>Fonte</i>	<i>Julgamento</i>
A Madeleine não sabia da dinâmica dos <i>checks</i>	Kate	verdade
Se haver um intruso/raptor, ele deveria ter observado os movimentos dos McCann anteriormente.	Kate, Gerry	verdade, mas faz uma entrada de um raptor pela janela incrível
Matthew aproximou-se ao quarto da Madeleine ou mesmo entrou nisso na noite de 03/05/2007	Kate, Gerry	verdade
É possível que uma pessoa que aproximou-se ao quarto da Madeleine ou mesmo entrou nisso ter perturbada a Madeleine	Kate	confiamos na Kate
A porta principal era fechada mas não trancada, significando que era possível sair através dessa rota sem chave	Kate, Gerry	verdade
É possível que a Madeleine andava sozinha nas ruas na noite de 03/05/2007	Kate	verdade
Nos primeiros momentos depois do descobrimento da desaparecimento da Madeleine o grupo considerou plausível a hipótese que ela saísse do apartamento pela sua própria força	Kate	verdade
A Madeleine não saiu pela porta de correr lateral na noite de 03/04 de Maio de 2007	Kate	confiamos na Kate, mas concluímos também que nenhum raptor utilizou este percurso
Era possível para Madeleine abrir a porta principal	dedução	provável; a Kate não refuta isso especificamente no seu livro

Por exemplo, no caso que a Madeleine fosse informado sobre a dinâmica do abandono-com-*checks*, seria menos provável que se tivesse afastado do apartamento, mas deveria também concluir que a Kate estivesse a mentir no seu livro sobre este assunto. Uma outra possibilidade é que se provasse que a Madeleine não era capaz de abrir a porta principal, mas neste caso o livro da Kate, onde expectamos uma tal explicação, não mostra nenhuma utilidade. Em outras palavras, enquanto os McCann e seus amigos não oferecerem uma prova sólida de que a Madeleine não pudesse abrir a porta principal, a cenário presentemente discutido é uma possibilidade que *não se pode negar na base das suas declarações específicas*.

## Conclusão

Aunque naturalmente hipotético como qualquer outro, na base dos dados disponíveis o mais provável cenário para explicar o desaparecimento da Madeleine McCann do apartamento na noite de 03 de Maio de 2007 é que ela se afastou pelos seus próprios esforços. O acionador desta ação foi o acontecimento de algum evento incomum que ela não podia interpretar satisfatoriamente. O único candidato para um tal evento que podemos identificar com os dados existentes é a entrada do Matthew no apartamento da Madeleine durante seu *check* na dita noite. Não sabendo da dinâmica do abandono-com-*checks* e não sabendo a localização dos seus pais como foi admitido pela Kate, saiu da porta principal do apartamento, buscando os pais numa direção desconhecida. Se isso seja a realidade histórica, o grupo teria concluído isso já na mesma noite após a descoberta do desaparecimento, embarcando num projeto de desinformação, enfatizando um cenário de um suposto rapto que tem pouco apoio nas circunstâncias encontradas.

Com isso, o grupo fez erros em descair-se quanto à sua fixação *desnecessária* de divulgar declarações que um rapto deve ter ocorrido por volta das 21:15h, com uma insistência no avistamento da Jane que ainda continua no sítio web do *Madeleine's Fund*. Isso é uma confusão de duas coisas ligadas mas distintas: (a) o desejo (do grupo) de desenhar uma narração que encobre o problema apresentado pelo *check* do Matthew por volta das 21:30h; e (b) a (des)informação que se deve divulgar sobre esta narração para a polícia e o público. O grupo não fica ciente de que uma vez que o *check* do Matthew foi neutralizado quanto à localização sim ou não da Madeleine no quarto dela, uma fixação nas 21:15h já não foi necessária perante a polícia e o público.

Dos outros dois cenários maiores, um rapto por uma terceira pessoa desde o interior do apartamento parece-nos quase trivialmente irrelevante, a única possibilidade que razoavelmente podemos contemplar sendo uma entrada (do suposto raptor) pela porta de correr lateral, que temos excluído na base das palavras da Kate quanto à situação que as portas diversas relevantes ficaram todas fechadas. Ademais, a própria dinâmica dos *checks* já em si mesma faz uma intrusão extremamente improvável. Por outro lado o cenário da ocultação do cadáver da Madeleine já morta, nunca foi capaz de explicar a fixação do grupo no ponto de tempo das 21:15h quanto ao avistamento da Jane. Ademais, o “narrativo definitivo” do *check* do Matthew por volta das 21:30h não faz sentido neste cenário.

Qualquer cenário proposto quanto ao desaparecimento da Madeleine deve oferecer *simultaneamente* uma explicação dos eventos que pudessem ocorrer em relação da desaparecimento da Madeleine, e uma explicação da desinformação divulgada pelo grupo, desinformação que tem uma relação com os eventos. A combinação entre essas explicações segue naturalmente e intrinsecamente do cenário presentemente discutido. Então concluímos que a hipótese de que a dinâmica de abandono-com-*checks* foi a *causa principal* do desaparecimento de Madeleine, e que a desinformação divulgada pelo grupo serviu e serve para encobrir esta circunstância, tem importantes vantagens que outras hipóteses não têm.

O fato de que Kate foi informada atrasadamente também explica-se facilmente neste cenário com a circunstância de que o propósito da desinformação não era salvar os McCann, mas Matthew; isso teria sido diferente no caso de uma ocultação de um cadáver, resultando mais provavelmente numa ênfase na “segunda” visita da Jane em vez da primeira. Com os McCann não ficando envolvidos na composição da história da “primeira” visita da Jane, não é surpreendente que os McCann produziram versões incoerentes nalgumas das principais partes da história: Gerry sobre a visita de Matthew e Kate sobre o vestuário do suposto raptor de Jane.

O “narrativo definitivo” pode-se ver como uma colagem de dois componentes anteriores que foram inconsistentes:

I (história dos McCann): rapto após a visita do Matthew – janela aberta;

II (história de Russell / Jane / Matthew): rapto antes da visita do Matthew – avistamento de Jane.

O objetivo do componente I era proteger os McCann e não proteger o Matthew; o objetivo do componente II era predominantemente proteger o Matthew. O componente I foi sugerida pelos McCann e divulgado através das primeiras notícias; o componente II foi provavelmente concebida na ausência dos McCann, pelo menos sem a sua contribuição, e sugerida a eles (talvez nem mesmo simultaneamente a Kate e Gerry). Porque a visita de Matthew não podia-se apagar dos testemunhos, a colagem necessitava:

(a) o ajuste de Gerry do rapto de “depois” a “antes” da visita de Matthew;

(b) o posicionamento de Matthew dentro do apartamento de tal modo que a posição de Madeleine na cama dela não seria detectável;

(c) fazer vagas as declarações de Matthew sobre a persiana estar aberta ou não.

O componente I foi transmitido aos média desde cedo; a questão de Matthew e o avistamento da Jane ainda não eram uma preocupação nesse momento; McCann não viu o *check* de Matthew como um problema (“tudo bem”, mesmo) e o suposto rapto ainda foi colocado entre 21:30h e 22:00h. O depoimento de Gerry à polícia de 04 de maio também incluiu a implicação de a porta da frente ter ficado fechada, enquanto aos média tinha-se divulgada anteriormente a mensagem de que esta ficara aberta; isso encaixa-se numa necessidade, realizada mais tarde, de encobrir uma saída de Madeleine através dessa porta. Isso implicaria que a mensagem ceda de que a porta principal ficara aberta representa a verdade histórica.

O presente autor considera que alguns raciocínios e conclusões do Dr. Amaral (2008) afiguram-se insatisfatórios, com as seguintes observações:

(1) Constatamos ademais uma falta de qualquer alerta do cão Eddie nas praias ocidental e oriental (orientação do homem do avistamento dos Smith, onde podia ser depositado o cadáver), mas sim houve uma alerta “num canteiro do quintal” (Amaral 2008: 227) sem reconstituição como se depositou o relevante vestígio num tal lugar, que não corresponde muito facilmente com a deslocação do cadáver. O leitor do livro do Dr. Amaral espera uma explicação desses assuntos.

(2) A cronologia dos McCann e seus amigos não foi suficientemente discutido no seu livro; por exemplo com o cenário do ocultação de um cadáver esperaríamos testemunhos de pessoas independentes (trabalhadores do restaurante) de que Gerry e Kate se terem afastado da mesa de jantar *simultaneamente*, mas tais testemunhos quanto ao que sei não existem.

(3) A diferença entre as versões do Gerry e o Matthew sobre o *check* dele nem sempre foi suficientemente apreciada: Dr. Amaral não a discute no seu livro e também o Despacho de arquivo não a analisa, ainda que a diferença é significativa e muito informativo.

(4) O Dr. Amaral, ainda que comenta sobre a insistência no suposto avistamento de Jane no tempo de 21:15/25h, não consegue observar que o grupo *faz um erro nesta insistência*. É uma omissão fundamental no seu livro.

## REFERÊNCIAS

Vejam-se também as notas de rodapé. Quando não indicado de outra forma, os dados são provenientes do sítio web <[www.mccannpjfiles.co.uk](http://www.mccannpjfiles.co.uk)>.



- ALDÍS RÚN LÁRUSDÓTTIR E ANNE DEDERICHS. 2010. *Evacuation Dynamics of Children. Walking Speeds, Flow through Doors in Daycare Centers*. Sem lugar: DTU Civil Engineering, Technical University of Denmark.  
<http://www.kias.org.uk/wp-content/uploads/2016/02/Walking-speed-children.pdf>.
- AMARAL, GONÇALO. 2008. *Maddie. A verdade da mentira*. 10.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Guerra e Paz. Consultado no [http://www.gerrymccannsblogs.co.uk/pdf/Maddie\\_a\\_verdade\\_da\\_mentira.pdf](http://www.gerrymccannsblogs.co.uk/pdf/Maddie_a_verdade_da_mentira.pdf).
- McCANN, KATE. 2012[2011]. *Madeleine. Our Daughter's Disappearance and the Continuing Search for Her*. Londres: Corgi Books.
- MOTMANS, ROELAND (ERGONOMIE RC Leuven). 2005-2006. *Lichaamsafmetingen van de Belgische bevolking. 4jaarmeisjes*. <http://www.dinbelg.be/4jaarmeisjes.htm>, <http://www.dinbelg.be/Figuren/Maat%206.htm>, acessado 04/03/2018.
- RCPCH (Royal College of Paediatrics and Child Health). 2009. *Girls 1-4 years*. [http://www.rcpch.ac.uk/system/files/protected/page/A4%20Girls%200-4yrs%20WHO%20\(4th%20Jan%202013\).pdf](http://www.rcpch.ac.uk/system/files/protected/page/A4%20Girls%200-4yrs%20WHO%20(4th%20Jan%202013).pdf), acessado 04/03/2018.
- VUB (Vrije Universiteit Brussel). 2004. *Groeicurven. Girls*. <http://www.vub.ac.be/groeicurven/files/1-20050604-EP2-20F.pdf>, acessado 04/03/2018.
- WILLIAMS-THOMAS, MARK. 2009. *Review of the Disappearance of Madeleine McCann from the Holiday Resort of Ocean Club, Praia da Luz, Portugal on Thursday 3rd May 2007*. Sem lugar: WT Associates Ltd.  
<http://williams-thomas.co.uk/sites/default/files/Review%20of%20Madeleine%20McCann%20Investigation.pdf>.